



Sábado

29-07-2010

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 110000

Temática: Política

Dimensão: 300

Imagem: N/Cor

Página (s): 10

## De procuradoras a telefonistas

O Partido Socialista não gosta do Ministério Público. É natural: o seu anterior secretário-geral foi investigado pelo Ministério Público e o seu actual secretário-geral também foi investigado pelo Ministério Público. Há coisas que cansam.

E esta mania do Ministério Público de investigar suspeitas de crimes deve ser uma delas.

O deputado dos gravadores, Ricardo Rodrigues, sabe bem o que isso é – também ele já foi (e está a ser) investigado pelo Ministério Público. Por isso, compreende-se que tenha sido justamente ele – que, além de tudo, é um dos maiores aliados de José Sócrates – a apresentar, com António Vitorino, a mais recente ideia do PS para mudar a Constituição.

Resumindo numa frase, os socialistas querem tirar o Ministério Público da investigação criminal. É uma operação simples: num dia, os procuradores estão a dirigir as averiguações, as buscas e as escutas; no dia seguinte, com um simples voto no parlamento, já não.

Parece magia, mas é política. Ou, se tivermos inclinação para o cinismo, vingança. A coincidência de calendário só vem agravar o desconforto: a proposta de Ricardo Rodrigues foi apresentada poucos dias antes de ser conhecida a acusação final do Ministério Público no caso Freeport.

Convém que o PS explique muito bem por que razão quer substituir os procuradores por juízes. Se os juízes são mais independentes é preciso conhecer casos concretos de falta de independência do Ministério Público. Se os juízes são mais livres, é preciso conhecer casos concretos de falta de liberdade do Ministério Público. Se os juízes são mais competentes, é preciso conhecer casos concretos de falta de competência do Ministério Público.

Para dar algum *sex appeal* às suas ideias, os socialistas apresentaram o modelo do admirado e elogiado juiz Baltazar Garzón. Seria ele a imagem da renovada investigação criminal portuguesa. Cândida Almeida, Francisca van Dunem e Maria José Morgado tornar-se-iam meras secretárias dos novos superjuízes – em vez de ouvirem escutas, passariam a atender telefones.

**CARLOS QUEIROZ NÃO FOI** contratado pelos seus resultados como treinador principal – porque não os tem – nem pelas suas

vitórias como seleccionador sénior – porque não existem. Carlos Queiroz foi contratado por uma única razão: pela experiência como seleccionador sub 20, pela alegada capacidade de descobrir novos talentos e de os transformar em grandes jogadores. A isso os especialistas em futebol chamam formação. E a isso os adeptos podem chamar fracasso.

Ao ofender de forma boçal o presidente da Autoridade Antidopagem de Portugal à frente de médicos, stafe da federação e funcionários do hotel onde estava a selecção, Carlos Queiroz não se limitou a faltar publicamente ao respeito a uma autoridade do Estado. Demonstrou também que não existe um único argumento para o manter no lugar em que está. Se a formação da nova geração de desportistas está entregue a ele, então já se percebeu qual vai ser o futuro.

**UM BANQUEIRO É ALGUÉM** que se cruza connosco na rua e nos pede que lhe entreguemos todo o dinheiro que ganhámos na vida em troca de uma promessa de bom comportamento. Para

Se depender do Partido Socialista, Cândida Almeida, Francisca van Dunem e Maria José Morgado tornar-se-iam meras secretárias dos novos superjuízes – em vez de ouvirem escutas, passariam a atender telefones

acreditarmos nele, não basta uma voz melíflua e um fato de bom corte. É preciso que ele nos apresente um cadastro limpo e um passado respeitável. Em Portugal, há um ex-banqueiro em prisão domiciliária; há outro execrado pelas autoridades públicas; há vários envolvidos em polémicas judiciais; e há, desde esta terça-feira, mais quatro acusados de manipulação de mercado e de falsificação de documentos.

Quando voltarem a aparecer rumores sobre o fecho iminente do BCP ou de qualquer outro grande banco, os banqueiros vão novamente escandalizar-se com a credulidade dos portugueses. Mas, na verdade, a culpa é toda deles. Estragaram uma reputação com centenas de anos. ●